

O ÊXODO DO JOVEMRURAL COM A EDUCAÇÃO TÉCNICA

David Peres da Rosa – IFRS/Campus Sertão

Eixo 5: Trabalho-educação e a formação dos trabalhadores (educação profissional, tecnologias da educação, trabalho como princípio educativo)

Resumo: O êxodo do jovem rural é um dos grandes problemas enfrentados pela população agrícola nos últimos anos, desencadeando o abandono de milhões de pessoas de comunidades rurais para os centros industrializados. Em paralelo, é visto um importante progresso da educação brasileira no que se refere ao ensino de nível básico, técnico e tecnológico favorecendo pessoas do meio rural com uma formação tida anteriormente como privilégios de poucos cidadãos. Neste contexto, o presente artigo tem o objetivo de analisar o perfil dos egressos do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão, e verificar o êxodo do jovem rural com a educação técnica, os motivos do abandono da propriedade familiar, aspirações futuras e os problemas da educação técnica na transmissão de conhecimentos. É expressiva a quantidade de jovens que irão abandonar a propriedade familiar, onde os fatores mais escolhidos foram que a propriedade é pequena e desejam a independência dos pais. Os jovens que desejam ficar na propriedade da família escolheram isto em função de gostar do estilo de trabalho da mesma, sendo que mais que 60% optaram por desejar em continuar os negócios familiares, gerando assim que a instituição de ensino crie também um perfil empreendedor.

Palavras-chave: Abandono do lar, desmotivação, independência.

Cenário agropecuário e da comunidade rural

O Brasil destaca-se no cenário mundial por ser um país com considerada produção e exportação de diversas culturas, fazendo com que a cada ano, recordes sejam alcançados contribuindo positivamente com a Balança Comercial Brasileira. Muitas das propriedades rurais podem ser consideradas como sistema de latifúndios, onde grandes espaços físicos destinados à produção são propriedades de poucos agricultores. Em conjunto, a tecnologia agropecuária permitiu ao país se equiparar aos maiores produtores do mundo e entrando diretamente na concorrência com outras potências do mercado mundial.

Um dos grandes problemas enfrentados pelo setor agrícola nos últimos anos foi o êxodo rural. Este se caracteriza como migração do homem do campo para a cidade, acarretando muitas vezes em seu posterior desemprego. Estima-se que entre 1960 a 1980 o êxodo rural alcançou 27 milhões de pessoas. Nos dados dos últimos 50 anos, a

cada 10 anos, um a cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração (Camaro & Abramovay, 1999). Isto é função da oportunidade teórica de emprego em grandes centros industriais, resultando no superloteamento das cidades, muitas vezes não preparadas para receber toda a demanda de trabalho oriunda do setor agrícola.

Segundo os dados do IBGE, dentre os anos de 1981 à 1992 a população aumentou 1,8% a.a., em contraproposta à isso, a população rural 0,7% a.a (IBGE, 2011). Contudo esse cenário inverte na próxima década, entre 1992 à 1999, segundo Del Grossi et al. (?????) houve uma redução do êxodo rural, embora isso não foi acompanhado do aumento dos empregos no meio rural, pois nessa década houve redução da oferta de empregos. Na análise desses autores, foi constatado que a população rural que estava em queda, passa de 31,6 milhões no ano de 1996 para 32,6 milhões em 1999.

Essa migração das famílias rurais para a cidade segundo análise de Schindegger e Krajasits (1999) é reação ao processo de concentração geográfica da alta demanda por mão-de-obra no mercado de trabalho urbano, comumente presente nas regiões avançadas. Segundo os autores, essa mobilidade apresenta-se de duas formas: a mudança de residência dos movimentos migratórios; e o commuting entre a residência e o trabalho. No commuting, na análise dos autores foram observados dois movimentos interessantes no primeiro, esse fator está crescendo em função da maior concentração de emprego nas cidades; em segundo, esse crescimento é muito maior nas áreas agrícolas, que são dependentes dos centros urbanos para a geração de empregos.

Outro ponto de elevada importância é a ciclicidade dos preços das commodities agrícolas, que combinada à falta de técnicas de gerenciamento agrícola culminam para redução da rentabilidade agrícola.

Estratégias de redução do êxodo rural

Dentre algumas estratégias de redução do êxodo rural, uma é o aprimoramento da qualidade de recursos humanos, pois a alta tecnologia presente nas máquinas rurais exige conhecimento específico. Hoje em dia é comum encontrar em propriedades consideradas grandes, máquinas com tecnologia mais avançada do que o setor automobilístico, tudo isso gera uma demanda por conhecimento mais avançado. Cada

vez mais há inserção de eletrônica e informática, sendo que a mão de obra tem a função apenas de fiscalizar o funcionamento da máquina do campo, sem precisar colocar as mãos após a inicialização da operação.

Frente a isso o governo brasileiro vem ampliando as possibilidades de estudo, sejam elas em nível inicial ou continuado, contemplando o ensino básico, técnico ou tecnológico. No ano de 2010, o governo sancionou a lei para a criação de mais 38 Institutos Federais em todo o País, saindo de 168 campi para 311 (MEC, 2010). Contudo, em contrapartida, nota-se um crescente abandono do jovem proveniente do meio rural da propriedade familiar, acarretando muitas vezes com avançar do tempo, a falta de mão de obra, e o envelhecimento dos pais, a propriedade é vendida. No Rio Grande do Sul, é visualmente percebido nas cidades pequenas, um aumento da idade no campo, em que os jovens saem para buscar estudo e não retornam para casa por não achar atrativos que o mantenham na mesma.

Outro motivo do abandono dos jovens pode estar ligado à falta de espírito empreendedor, que segundo Balsadi (2001) é função da mentalidade dependente da ajuda, e o ensino tem o papel de romper esta mentalidade. Muitas vezes o ensino não é eficiente neste rompimento, gerando um aluno mecanicista, que segundo o Karl Marx (apud Rodrigues, 2004) é função da sociedade capitalista, que demanda por uma pessoa que saiba apenas executar uma função, e não a pensar como isto funciona. Aqui se ressalta ainda o pensamento de Paulo Freire o qual menciona que a educação deve fazer o aluno a pensar certo, formar um aluno crítico, que seja curioso por conhecimento (Freire, 2002).

Além da estratégia de qualificação técnica, o governo lança várias linhas de créditos para instrumentação da pequena propriedade rural. Isso ocorre em função da alta tecnologia presente nas máquinas agrícolas, que no patamar atual, por exemplo, um operador de trator serve somente para ligar o trator e o sistema de piloto automático, após, sua função é unicamente de fiscal da operação, pois toda a operação será feita automaticamente. A tecnologia presente na área de mecanização agrícola está muito mais avançada do que a área automobilística, em determinados pontos.

Em função disso, o governo lança linhas de financiamento com juros diferenciados, tentando facilitar a inserção da mecanização na pequena propriedade, contudo, as baixas tecnologias presentes nas máquinas de pequeno porte e, em conjunto da falta de técnicas de gerenciamento culminam para redução da rentabilidade do pequeno produtor, sendo assim, pouco atrativo para o jovem rural. Veiga (2001), que

era Secretário de Desenvolvimento Rural, defendia uma posição que era preciso criar políticas de desenvolvimento rural integradas, que contemplasse os diversos aspectos de uma mesma realidade: políticas agrárias e agrícolas para o fortalecimento da agricultura familiar juntamente com políticas de geração de novas oportunidades de empregos rurais não agrícolas.

Apesar de todas as mudanças ocorridas e das oportunidades perdidas, os fatos e a história mostram claramente que ainda se faz necessário no país, como condição para a eliminação da pobreza e de suporte essencial a um processo de redistribuição dinâmica da renda, um projeto de desenvolvimento rural apoiado na produção familiar (BUANAIN, et al. 2003). Agricultura familiar brasileira ou está descapitalizada ou pouco capitalizada. Os autores lembram que há apenas 20 anos, o Estado de Mato Grosso era ocupado por agricultores familiares em busca de terra, trabalho e novas oportunidades. Hoje, esses cultivam centenas de hectares, constroem estradas, hidrovias e geram renda, trabalho e progresso local, e para todo o País.

Desta forma, o presente trabalho teve por objetivo analisar o êxodo do jovem rural com o ensino técnico profissionalizante em agropecuária, e o perfil desses.

Procedimentos da pesquisa

O trabalho foi desenvolvido no ano de 2011, com alunos do último ano do curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul *Câmpus Sertão*, localizado no município de Sertão no estado do Rio Grande do Sul.

O trabalho foi realizado através da elaboração de um questionário (ver Figura 1), o qual contemplou nove perguntas direcionadas ao próprio perfil do aluno entrevistado, bem como as suas pretensões de trabalho, e a sua opinião referente à Instituição e professores e sobre a sua permanência ou não na propriedade rural.

Os questionários foram respondidos individualmente por 111 alunos, oriundos do Rio Grande do Sul de diversas cidades. Após a coleta das informações, foi realizada a tabulação dos dados empregando planilha eletrônica.

Estas perguntas são meramente para estudo científico, o nome será mantido em completo sigilo.

Nome					Ano de nascimento		
Idade		Naturalidade e			Cidade		
Vive aonde	campo		cidade		Cultura		
Perguntas							
A sua família possui alguma propriedade agrícola							
sim		Não		Caso sim, trabalham com o que?			
Você pretende trabalhar na área agrícola							
Sim		Não		Caso não, qual a área?			
Você pretende trabalhar em casa após terminar o curso?							
sim		não		Caso sim, por que			
Caso não, por que?							
Área muito pequena			Meu pai é autoritário		Quero viajar		
Quero independência			Quero ser dono do meu negócio				
Quero conhecer outras culturas agric				O governo não dá condições (\$\$)			
Não gosto da minha região				Outro motivo:			
Você pretende se formar e abrir um negócio próprio							
sim		não		Caso sim, qual seria?			
Por que este tipo de negócio?							
Caso não, qual o motivo							
Qual a área que você gosta do técnico agropecuária?							
Eng. Rural		Produção Animal		Produção vegetal			
Produção agroindustrial				Especifique a área?			
Pretende fazer faculdade?							
sim		não		Qual seria?		Aonde	

Por que você veio fazer o curso técnico em Agropecuária?							
Quais os problemas que você identifica na transmissão de conhecimentos dos professores							
Não conhece o conteúdo		Sabe muito, mas não tem didática		Não se dedica a aula		Não sabe aliar a teoria com a prática	
Outro motivo		Qual?					
Você acha que o IFRS - Sertão possui boa estrutura para aula							
sim		não		Caso não, por que?			
Qual as áreas com problemas							

Figura 1 – Questionário aplicado aos alunos.

Perfil dos egressos na Instituição de ensino técnico Agropecuária

Aproximadamente 86% dos alunos entrevistados do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Câmpus Sertão são oriundos do meio rural, onde as atividades agrícolas desenvolvidas estão divididas entre pecuária de corte e leiteira, integração lavoura pecuária e produção de grão.

O predomínio da atividade das famílias dos alunos (Figura 2) é a produção de grãos, totalizando 45%, contra 33% da pecuária e 22% outros, sendo considerado como outros: produção de fumo, integração lavoura pecuária e produção de hortaliças.

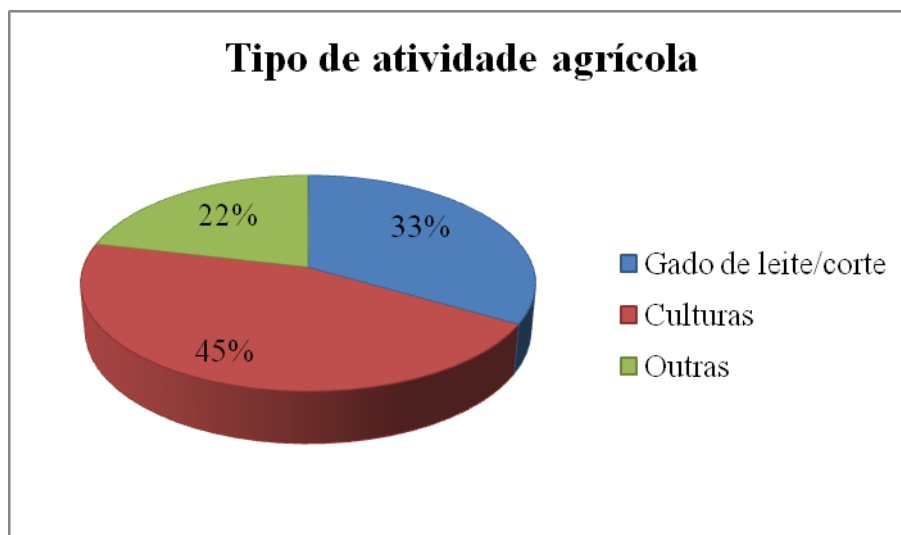


Figura 2–Tipo de produção agrícola da família do jovem estudante.

Este tipo de perfil traz alguns benefícios para as disciplina da área técnica, demonstrado pelo conhecimento prévio do conteúdo que auxilia na otimização e na condução das aulas, e também pela fácil inserção do aluno em atividades agrícola da Instituição de ensino agrícola.

Outro ponto é a falta de espírito empreendedor dos jovens, que pode ser visualizado na Figura 3, em que 50,5% não pretendem retornar para casa, podendo correlacionar esse fato a mentalidade dependente da ajuda descrita por Balsadi (2001) bem como a falta de uma pedagogia empreendedora. Isso é um fator que auxilia o abandono desse jovem da propriedade rural, que ao encontrar o cenário que algumas empresas se encontram, isso no momento do estágio de conclusão de curso, fica entusiasmado com tal tecnologia presente e, preferem trabalhar fora de casa.

A falta de espírito empreendedor é comentada por Dolabela (2004),em que a atividade empreendedora não é somente objeto de geração de riqueza, mas também um fenômeno social e cultural. O autor ressalta que:

“Na Pedagogia Empreendedora, vemos o problema econômico como consequência de soluções ideológicas, sociais e culturais. Eu a vejo como um instrumento de combate à miséria. A Pedagogia Empreendedora e o empreendedorismo que eu defendo, que eu pratico, é aquele que pode provocar a mudança cultural.”

Com isso, este tipo de pedagogia pode levar a redução do êxodo do jovem rural, ao ver que o conhecimento adquirido pode ser empregado para uso próprio.

Pretensões e êxodo do jovem rural

Ao ingressar no curso técnico em agropecuária, o jovem rural busca aperfeiçoar o seu conhecimento, sendo que durante o curso, conforme é observado na figura 3, 89,2% dos alunos ainda deseja trabalhar na área agrícola, evidenciando que a educação técnica transmitida a esses é motivadora, bem como, o trabalho que eles vivenciam em casa. Estes dados estão em congruência com a pesquisa realizada por Ferrari *et al.* (2004) em Santa Catarina, na qual 55% dos jovens pretender ser agricultores. Contudo, apenas 50,5% dos jovens não desejam retornar para a propriedade da família, onde era esperado um valor bem maior a este.

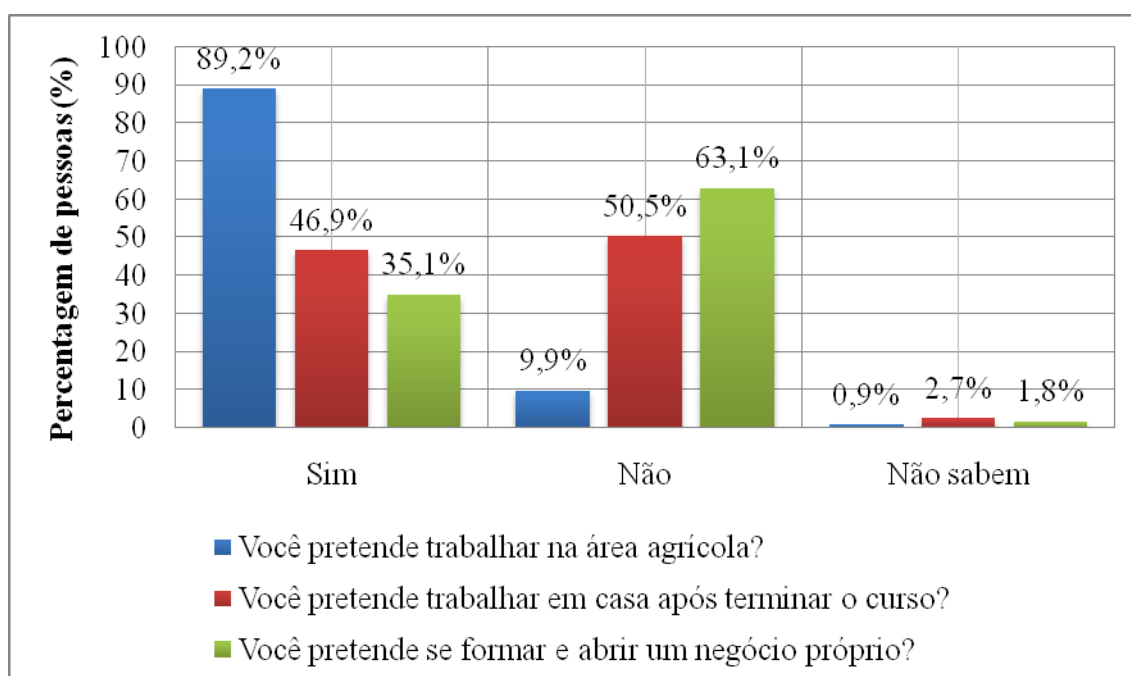


Figura 3 – Pretensões e o êxodo do Jovem rural.

O futuro êxodo do jovem rural (50,5%) pode estar ligado principalmente aos seguintes fatores:

- 16,2% dos jovens não retornam para casa em função de ser pequena propriedade;
- 12,6% desejam à independência;
- 9,2% desejam viajar;
- 6,3% desejam conhecer outras propriedades e culturas agrícolas;

- 2,7% acham o pai autoritário, levando aquela expressão (“*santo de casa não faz milagre*”).

O cenário da agricultura atual corrobora para o primeiro fator, em que vivenciamos uma ciclicidade de preço cada vez mais forte, tornando a agricultura por parte da produção de grãos, inviável para pequenas propriedades. Se fizermos uma análise simples sobre a cultura do milho, estima-se que o custo de produção é entorno de R\$ 14,00 por hectare (ha), isso em 2011; se uma propriedade que possui 30ha, e o milho for comercializado a R\$ 17,00, considerando a produtividade de 110sacas/ha, este irá obter um lucro de R\$ 6.000,00, agora, ao mencionarmos uma propriedade de 2000 ha,o lucro será de R\$ 600.000,00. Isto é um fato que acontece nas culturas comerciais de grande expressividade no Brasil.

Várias culturas possuem uma rentabilidade muito maior do que as grandes commodities, e, não são cultivadas por grandes agricultores, isso em face da elevada mão de obra. Alguns exemplos são: mandioca, batata doce, vegetais orgânicos, alho e uva. Ressaltam-se ainda algumas frutíferas que são cultivadas tanto por pequenos produtores quanto por grandes, como exemplo maçã, pêssego e laranja, os quais demandam uma mão de obra alta, em face da falta de mecanização dessas culturas. Estimasse que apenas 30 hectares de uva seja necessário 30 pessoas fixas durante o ano, sendo que na colheita esse número dobra.

Segundo Wesz Junior *et al.* (2004), a modernização da década de 70 é outro motivo que aumentou o êxodo rural, pois esta modernização foi idealizada pela elite brasileira e pelas empresas multinacionais, que gerou a expulsão dos pequenos agricultores. Outro ponto a ser levado em conta segundo o autor é que isto altera toda a estrutura familiar, onde a renda nem sempre é atrativa para determinadas classes etárias, gerando problemas como: o êxodo rural, masculinização e o envelhecimento da população tornem-se situações cada vez mais freqüentes.

Uma inovação na política fundiária brasileira é impreencidível, onde relatos de Silvestre *et al.* (2001) abordam que isto é a chave para que os milhares de jovens agricultores possam realizar suas vocações e desejos profissionais. Estes autores fazem uma ressalva que essa inovação só irá contemplar o morador rural da seguinte forma: distribuição de terras; crédito agrícola; infra-estrutura; educação; capacitação e assistência técnica; lazer.

Para Sacco dos Anjos (2003) a maioria do abandono dos jovens do campo não é função de morar em cidades grandes onde há festas, mas sim a falta de retorno financeiro das atividades agrárias. Podemos visualizar na figura 4 que 46,5% dos jovens que pretendem ficar em casa, grande parte desejam ficar em casa para continuar os negócios da família (60%), já 27% gostam da propriedade e do tipo de trabalho que é realizado na propriedade e o restante deseja ficar em casa para tentar montar o seu próprio negócio com os bens patrimoniais da família.

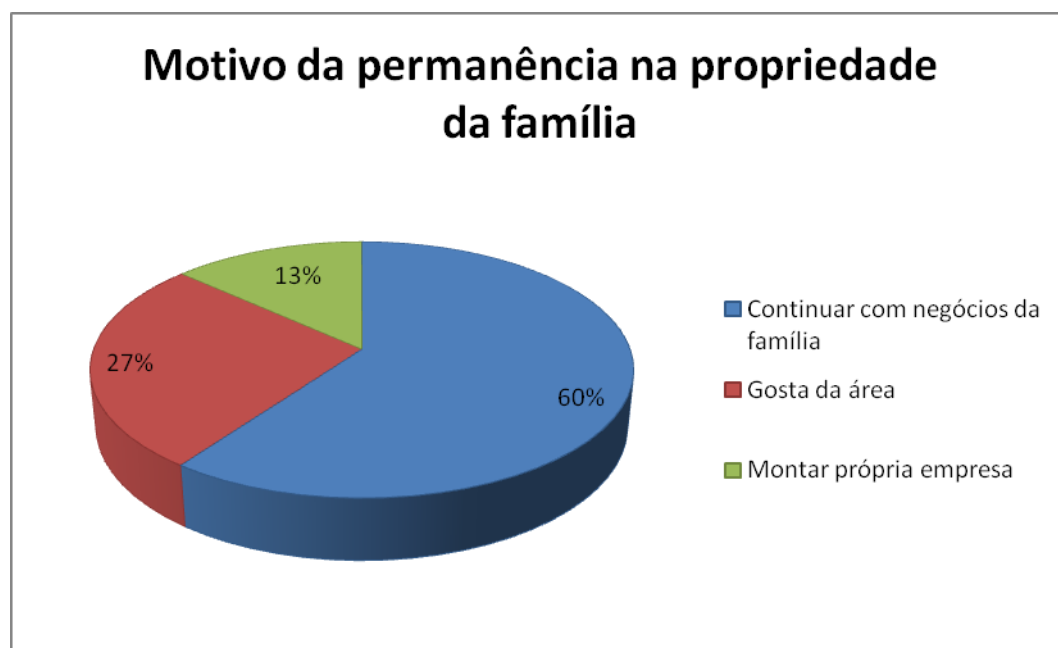


Figura 4 – Razões da permanência do jovem na propriedade familiar.

Com estes dados, é fundamental que o ensino técnico estimule a permanência destes jovens na sua propriedade, indo de encontro à ideia do Dolabela (2004) sobre a pedagogia empreendedora.

Como é vista a instituição de ensino e sua transmissão de conhecimentos

A instituição de ensino técnico (IFRS-Sertão) possui papel fundamental na alteração de mentalidade do jovem rural que busca ensino técnico, nesse sentido, a mesma deve ter boa relação com o jovem. Pela pesquisa foi possível verificar uma ótima aceitação dos alunos, onde mais que 96% declararam que a infra-estrutura é muito boa, contudo, acham que boa parte não é bem utilizada ou, alguns setores necessitariam de reformas. Aqui realiza-se uma ressalva que é um problema enfrentado

por instituições de ensino agrícola do país, é o avanço rápido da tecnologia na produção agrícola e animal, o qual em muitos casos são muito onerosas, o que inviabiliza aquisição por instituição de ensino. Na área de mecanização agrícola isso é pior, como exemplo citamos o preço médio de uma colhedora de grão, em que pode alcançar R\$ 800.000,00, tal valor pode ser empregado para a construção de um prédio de salas. Como estratégia poderia se usado a formação de parcerias com o setor privado, contudo, esse está mais interessado atualmente na comercialização dos seus produtos.

A transmissão de conhecimento do professor ao aluno é fator preponderante no seu ensino, e, na criação de uma mentalidade de ver na propriedade a viabilidade que seja atrativa. Nesse sentido, os problemas relacionados a transmissão de conhecimentos pode ser visto na Figura 5. Percebe-se que o problema pontual relacionado a transmissão de conhecimento está no fato dos educadores, na opinião dos discentes, não saberem aliar o conteúdo teórico ao prático bem como na adoção de metodologias didáticas em sala de aula.

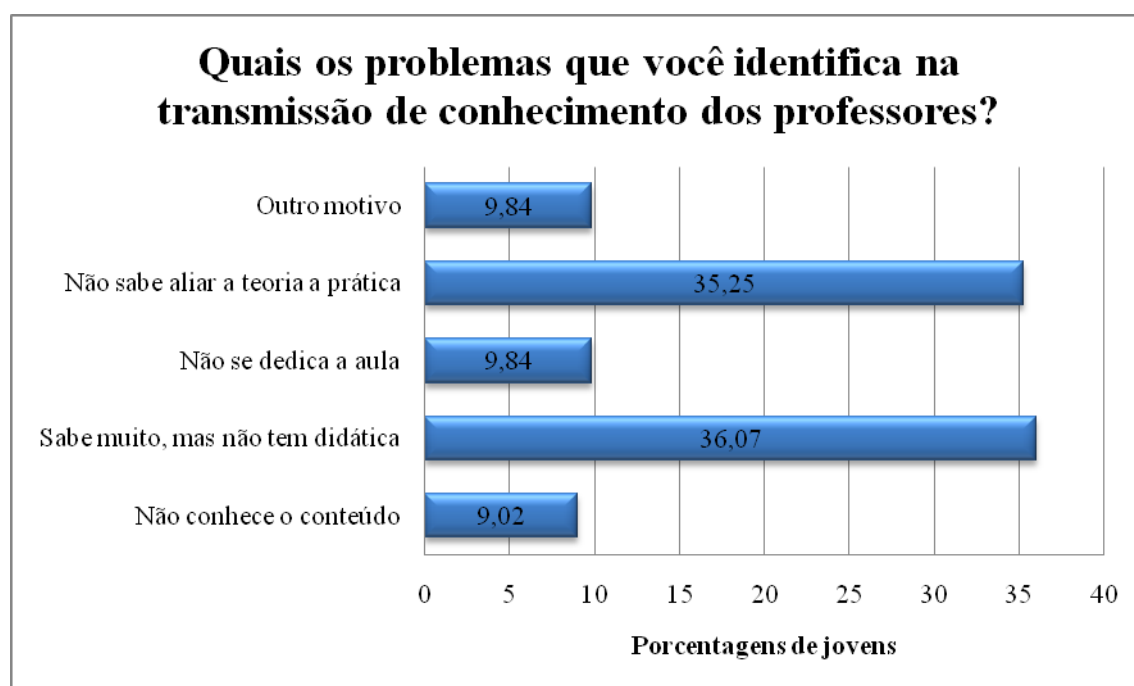


Figura 5 – Problemas identificados pelos jovens na transmissão de conhecimento.

Tratando especificamente do ponto “*transmissão de conhecimento*” analisado, muitas são as escolas na qual ocorre um elevado desnível, não só no perfil e qualificação do corpo docente, mas quanto à estrutura física disponível para a educação dos estudantes, contudo, na questão presente, podemos notar que a infra-estrutura não é

o ponto, e sim, a dificuldade que o educador encontra em aliar o conteúdo teórico com o prático. A formação técnica é conhecida pela prática, assim, o educador terá que tentar achar um elo na sua disciplina, para assim, contornar este problema.

Uma das sugestões do psicanalista Paulo Freire (2002) é o conhecimento da realidade do educando, cremos que isto pode ser uma das soluções para resolver este problema, pois conhecendo a realidade do aluno e tentando trazer para sala de aula resultará em uma conexão do educador-educando. Neste ponto começa haver a troca de experiência. Para o autor, o professor deve ser neutro, o saber escutar. O papel fundamental do educador é falar com clareza sobre o objeto incitando o aluno a aprender, a compreender o conhecimento. O professor não pode achar que sabe tudo, que é o melhor, isto, implica na divisão da sala, onde o educador esta em cima, e os alunos embaixo, acarretando a falta de interatividade dos alunos.

Outro ponto levado em consideração sobre a falta de didática está ligado ao ponto discutido anteriormente, no momento que o professor estiver aberto a aprender, este começará a melhorar a sua aula.

Aspirações futuras

Mais de 76% dos jovens tem pretensão de fazer uma faculdade (Figura 6), sendo que a maioria pretende continuar o aprendizado na área agrícola, contudo, a maioria deseja primeiramente trabalhar na área como técnico, e após buscas fazer a faculdade.

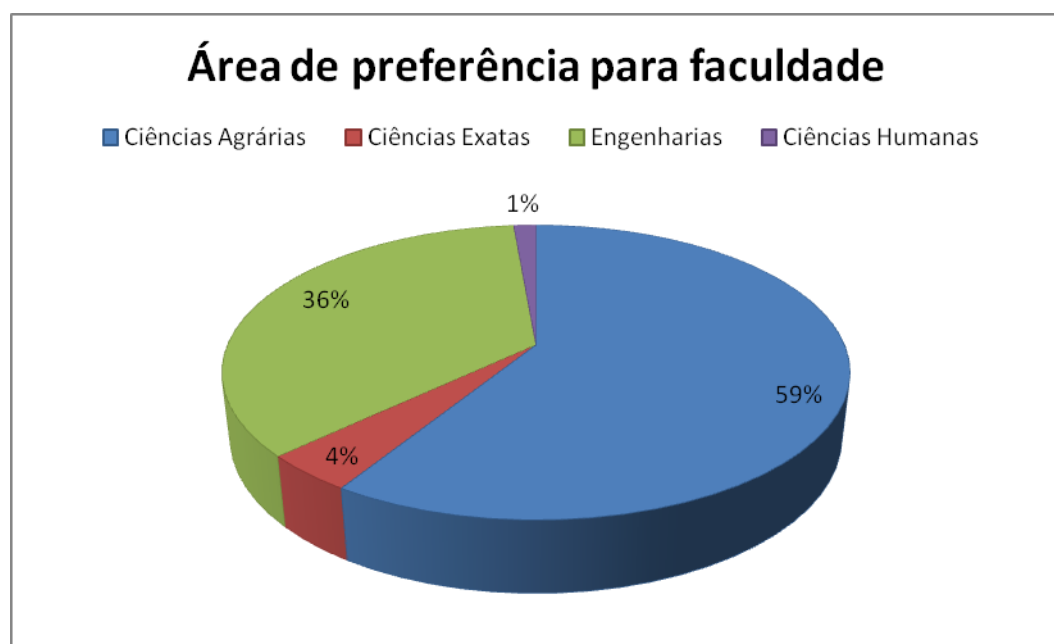


Figura 6 – Área escolhida para realizar a faculdade

Dos 59% que desejam fazer faculdade na área das ciências agrárias, a maioria quer fazer a faculdade de agronomia, dos 36% desejam fazer Eng. Mecânica, sendo que boa parte deseja continuar na área agrícola, demonstrando certo desconhecimento de outros cursos mais aplicados do que este na área de mecânica.

Considerações finais

Constata-se que é expressiva a quantidade de jovens que irão abandonar a propriedade familiar, onde os fatores que influenciam isto possuem grande complexidade nos fatores que influenciam a estrutura ocupacional dos residentes rurais.

O papel do governo é imprevidível na alteração deste cenário, onde é necessária a busca de políticas integradoras das atividades agrícolas e não-agrícolas, promovendo um modelo de desenvolvimento rural que permita melhores condições de emprego, renda e qualidade de vida. Este contexto local está em consonância ao contexto nacional abordado pelos estudos de Balsadi (2001).

Este êxodo ligado às políticas públicas já vem sendo abordado desde o final dos anos 70, em que Anderson e Leiserson (1980) ressaltavam que é necessária a adição ao provimento de recursos necessários para o crescimento.

A educação técnica deverá sofrer uma adaptação, buscando a inserção de métodos que estimulem o empreendedorismo, pois este pode ser outra solução para redução do êxodo.

Os problemas relativos à transmissão de conhecimentos estão ligados a aspectos didáticos, onde os jovens destacaram a falta de ligação do conteúdo teórico com o prático e a falta de didática.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Dennis; LEISERSON, Mark Whittlesey. Rural nonfarm employment in developing countries. **Economic Development and Cultural Change**, v.28, n.2, p. 227-248, 1980.

BALSADI, OtavioValentin.Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo Perspectiva**, v. 15, n. 1, p. 155-165, 2001.

BUAINAIN, Antônio Márcio; ROMEIRO, Ademar; GUANZIROLI, Carlos. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**, v. 5, n. 10, p. 312-347, 2003.

DOLABELA, Fernando. Pedagogia empreendedora. **Revista Negócios**, v.9, n.2, p.127-130, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo.**Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos – Texto para discussão nº 621**, Rio de Janeiro, Janeiro de 1999.

FERREIRA, Dilvan Luiz; ABROMAVAY, Ricardo; SILVESTRE, Milton Luiz; Mello, Marcio Antonio de; TESTA, Vilson Marcos. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? In: **Estudos Sociedade e Agricultura**.v.12, n.2, 2004, p.237-271.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessário à prática educativa**. 25º Ed. São Paulo: Ed. Paz na Terra, 2002, 54p.

IBGE. Dados estatísticos sobre a população rural e urbana entre os anos de 1981 à 1992. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD224> Acesso em: 29 de dezembro de 2011.

MEC. Institutos Federais viram realidade.Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11864> Acesso em: 27 de dezembro de 2010.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. 5. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 35-57

SCHINDEGGER, F.; KRAJASITS, C. **Commuting: its importance for rural employment analysis**. In: Territorial indicators of employment ³/₄ focusing on rural development. OECD, 1999.

WESZ JUNIOR, Valdemar João; ROTH, James Diego; MATTOS, Victor Mateus Menezes de; FERREIRA, Ana Margarete Rogrigues Martins; TRENTIN, Iran Carlos Lovis. Os novos arranjos do êxodo rural: a evasão temporária de jovens agricultores familiares gaúchos. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2004. Fortaleza: SOBER, 2004.
SACCO DOS ANJOS, Flavio. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPel, 2003.

SCHINDEGGER, F. e KRAJASITS, C. “Commuting: its importance for ruralemployment analysis”. In: Territorial indicators of employment – focusing on rural development. OECD, 1999.

SILVESTRO, M. L.; ABRAMOVAY, R.; MELLO, M.A.; DORIGON, C.; BALDISSERA, I.T.**Impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura**

familiar. Florianópolis: Epagri, Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

VEIGA, José Eli. O Brasil Rural Precisa de uma Estratégia de Desenvolvimento. (Série Textos para Discussão n. 1) Brasília:NEAD/M